

The First Global Revolution

Não poucos salientam a própria existência de uma *revolução global*, expressão que começou a ganhar contornos de estabilidade nos finais da década de oitenta, entre os especialistas da ciência política e da teoria das relações internacionais, acabando por ser consagrada num relatório para o *Clube de Roma*, em 1991, da autoria de ALEXANDER KING e BERTRAND SCHNEIDER, onde se falava que vivíamos *the first global revolution*, a *primeira revolução global da história da humanidade*, na qual o principal estímulo para a identificação e a sobrevivência das comunidades políticas já não viria dos tradicionais amigos/inimigos da velha pretensa *essência do político*, de CARL SCHMITT e JULIEN FREUND, mas antes dos inimigos globais de todas as comunidades humanas.

Isto é, partindo do clássico princípio, segundo o qual o *nós* precede o *eu*, que cada um só ganha consciência de si mesmo quando consegue estabelecer uma fronteira com o *outro* – o que tem levado à sobrevalorização da ameaça vinda de força, como principal elemento de desintegração –, KING e SCHNEIDER consideram que só no nosso tempo ter surgido uma espécie de *ameaça global*. Paradoxalmente, foi esse *risco maior*, o elemento mais acelerador da mundialização, foi desse medo global que nós, todo o mundo, começámos, assim, a identificar-nos, que os homens todos começaram a ganhar consciência existencial da *globalidade humana*..

Mesmo o mais recente modelo cosmopolita salienta que os problemas ambientais como o aquecimento global do planeta, o buraco do ozono ou as chuvas ácidas não podem continuar a ser vistos como problemas locais, nacionais ou regionais, mas antes como problemas que afectam a humanidade como um todo.